**VII ENCONTRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**



**FEIRAS AGROECOLÓGICAS EM CAMPINA GRANDE: INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE**

Aline Barboza de Lima[[1]](#footnote-1)

Severino Justino Sobrinho[[2]](#footnote-2)

Ana Paula Araújo Alves[[3]](#footnote-3)

José Geraldo da Costa Neto[[4]](#footnote-4)

Renata Xavier de Lima[[5]](#footnote-5)

Este artigo apresenta resultados do projeto de extensão intitulado “Feira Agroecológica Regional de Campina Grande: informação e comunicação na relação campo-cidade”, desenvolvido na Unidade Acadêmica de Geografia – UFCG, Campina Grande no período de maio de 2011 a dezembro de 2012. O objetivo do projeto foi criar mecanismos de divulgação da Feira Agroeocológica Regional de Campina Grande, para estimular o consumo de alimentos saudáveis e incentivar a pequena produção camponesa. A metodologia consistiu em revisão bibliográfica; trabalhos de campo em áreas de produção agroecológica, sistematização de dados e elaboração de materiais informativos em formato de boletim, além da divulgação em páginas na internet. Os resultados do projeto indicaram a significativa importância da produção agroecológica na região Agreste da Paraíba, necessária para o bom desenvolvimento das famílias camponesas, bem como para a segurança alimentar de moradores da cidade, e evidenciou ainda a necessidade de maiores ações, tanto pela universidade, como pelos setores governamentais em viabilizar mecanismos de fortalecimento das práticas agroecológicas no estado da Paraíba.

**Palavras-Chaves:** Camponês; Agroecologia; Relação campo-cidade.

**I. INTRODUÇÃO**

O projeto “**Feira Agroecológica Regional de Campina Grande: informação e comunicação na relação campo-cidade”** começou a ser desenvolvido durante o período de maio a dezembro de 2011 e foi renovado no ano de 2012, em igual período na UFCG, na Unidade Acadêmica de Geografia, Centro de Humanidades, teve como principal objetivo realizar ações de divulgação sobre a Feira Agroecológica Regional de Campina Grande para estimular o consumo de alimentos agroecológicos e fortalecer a agricultura camponesa.

A agroecologia afigura-se como um importante conceito para o entendimento das práticas agrícolas da atualidade, correlacionada a temas como segurança e soberania alimentar, presentes na pauta das discussões desenvolvidas no âmbito das práticas sustentáveis, da educação ambiental e da conservação da natureza.

Nesse contexto, o município de Campina Grande possui feiras semanais que comercializam alimentos agroecológicos, como a que ocorre às quartas-feiras na Estação Velha e as sextas-feiras no bairro Catolé. Essas feiras fazem parte do cotidiano da cidade, contudo, ainda existe muita desinformação sobre sua organização e procedência. No ano de 2011, a equipe de alunos e professores da Unidade Acadêmica de Geografia esforçou-se em desenvolver meios de divulgação das ações agroecológicas da mesorregião, realizando diversos trabalhos de campo e produções escritas sobre o tema. No ano de 2012 a proposta foi dar continuidade e assim atingir o objetivo central do projeto, cujas ações pautaram-se, sobretudo na divulgação através de boletins informativos, folders e panfletos informativos sobre a produção orgânica e a Feira Agroecológica Regional de Campina Grande. A metodologia utilizada para a realização do projeto consistiu na realização de várias etapas, tais como: grupo de estudos; trabalhos de campo; participação em eventos; Aplicação de entrevistas e questionários; sistematização e tabulação de dados; Confecção de folders, boletins informativos e panfletos sobre a Feira Agroecológica Regional e comerciantes de orgânicos; Criação de mídias eletrônicas de divulgação. A intenção do projeto tem sido possibilitar uma maior divulgação para estimular o consumo de alimentos agroecológicos e fortalecer a agricultura camponesa, beneficiando habitantes do campo e da cidade.

O projetou procurou ainda pautar-se numa prática extensionista que integrasse teoria e prática. Nesse sentido, as discussões teóricas realizadas a partir de grupos de estudos foram fundamentais para subsidiar as atividades práticas. O projeto buscou ainda ampliar as bases de conhecimento sobre o tema, subsidiando produções bibliográficas para a elaboração de artigos.

Na segunda etapa do projeto, foi incorporada a necessidade de estender as ações de divulgação para escolas da rede pública de Campina Grande, devido a à? importância de informar crianças e jovens dos benefícios da alimentação saudável livre de agrotóxicos e também da relevância das práticas agrícolas sustentáveis, não apenas para os habitantes do campo, como também da cidade.

**II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO PROJETO DE EXTENSÃO.**

A luta camponesa pela soberania alimentar integra o quadro de reivindicações de diversos segmentos sociais marginalizados ao longo da história. Minorias de diferentes tipos que quando somadas traduzem-se numa significativa parcela da sociedade. Mulheres que reivindicam a igualdade de direitos, grupos étnicos que lutam pelo reconhecimento de suas diferenças, populações tradicionais que batalham pela continuidade de sua cultura, dentre outros grupos na busca do reconhecimento e cumprimento dos direitos sociais. (BOBBIO, 2004; 1986)

A busca pela soberania alimentar, traduz-se nesse contexto, na busca pela vida. Pois, o direito a alimentação torna-se o direito de acesso aos recursos e meios de produzir e adquirir alimentos saudáveis e seguros, capazes de permitir a família camponesa uma existência digna e próspera. (ARNAIZ, 2004)

Nesse contexto, a questão da fome não pode ser restrita a uma ração nutricional básica, pois a alimentação para o ser humano possui dimensões bem mais amplas que o combate à fome imediata. A alimentação está ligada à vida, possui preceitos culturais e simbólicos, com os quais os homens se relacionam e satisfazem outras necessidades e valores, num processo que denota a dignidade da vida humana.

Nesse sentido, a agroecologia é fundamental para consolidar a soberania alimentar a partir da relação campo-cidade, não apenas enquanto circulação de mercadorias, mas também como fortalecedora de relações sociedade-natureza calcadas em racionalidades que não visam apenas à natureza enquanto extração de recursos para o consumo. (ALTIERI, 2004)

A agroecologia não desconsidera o conhecimento desenvolvido a partir do arcabouço científico, ao invés disso, ela analisa os conhecimentos advindos da ciência e tenta otimizá-los a partir dos processos locais, considerando as diversas interações advindas dessa introdução e suas consequências para os ecossistemas.

Dessa forma, a agroecologia passa então a integrar os saberes advindos da ciência e do senso comum, do campo e da cidade, colocando-os para dialogar e verificando em que medida esse diálogo contribui para o desenvolvimento de determinado grupo social, sempre considerando a qualidade de vida e a dignidade como condições precípuas de sua atuação.

Essa característica da agroecologia possibilita a construção desse projeto de extensão universitária sobre bases paradigmáticas diferenciadas, capazes de unir a prática da pesquisa e do ensino, pois permite uma inter-relação entre sujeito-objeto, na medida em que professores, alunos e camponeses, a partir do contato e da troca de informações reelaboram concepções e tornam-se sujeitos modificadores de suas realidades sociais. (SANTOS, 2006)

Além disso, a experiência da extensão universitária a partir da agroecologia possibilita a atividade de ensino como ação e reflexão sobre a importância social da construção dos saberes na universidade, que não deve restringir-se a atividades acadêmicas meramente burocráticas e distantes da realidade social, ao contrário disso, deve possibilitar a realização de pesquisas consequentes e preocupadas com a melhoria da vida da sociedade.

Em relação à expressão agroecologia, frisamos que essa nomenclatura integra, de maneira mais evidente, o cotidiano dos camponeses paraibanos a partir do surgimento das Feiras Agroecológicas no estado da Paraíba. O projeto inicial de realização dessas feiras possuiu como significado precípuo a possibilidade de resgatar o sentido da coletividade presente na luta pela terra e Reforma Agrária ou na ancestralidade da posse da terra camponesa.

A agroecologia, nesse contexto, passa a representar uma forma do camponês trabalhar novamente em um projeto coletivo no assentamento rural ou na pequena propriedade, ampliando o sentido restrito dado a agroecologia como apenas uma maneira de produzir alimentos limpos, pois esta passa a incorporar outras dimensões. (GUZMÁN, 2002).

Nesse sentido, a agroecologia possibilita ao camponês uma inserção em discussões políticas e econômicas que envolvem a produção de alimentos na atualidade, gerando um processo de construção onde são resgatados saberes relegados ao longo da trajetória de exclusão camponesa. (CARVALHO, 2007)

Apesar das práticas agroecológicas possibilitarem o retorno de antigas tradições relegadas ao longo do tempo, também impõe o abandono de outras práticas adquiridas e que se incorporaram ao cotidiano camponês. Nesse sentido, a inserção do camponês num projeto de agroecologia faz com que ele retome determinadas práticas, ao mesmo tempo que exige que ele descarte outras, incorporadas ao seu cotidiano, o que se traduz numa tarefa de grande complexidade, visto que as práticas cotidianas são enraizadas aos processos culturais e determinam comportamentos específicos traduzidos em *habitus*. (BORDIEU, 1983)

De acordo com Bourdieu (1983, p. 65) habitus pode ser entendido “como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como matriz de percepções, de apreciações e de ações”. Essas ações traduzidas em práticas cotidianas são frutos de habitus que foram produzidos no passado, de acordo com uma regularidade e conjuntura específica, sendo, portanto, incorporados à história e de acordo com Bourdieu (1983, p. 65) são “esquecimentos da história que a própria história produz ao incorporar as estruturas objetivas que ela produz nessa quase natureza que são os habitus”.

Dessa forma, as práticas realizadas pelos camponeses são imbuídas de ações difíceis de serem objetivadas, percebidas ou decifradas, por tenderem a se naturalizar e não remeter a heranças culturais, apesar de a elas se vincularem. Compreender, por exemplo, aspectos dos hábitos alimentares, das relações sociais estabelecidas, ou das estruturas construídas, passa indubitavelmente, por essas análises.

A construção desse processo nas cidades também ocorre de forma gradual, pois existem especificidades próprias das Feiras Agroecológicas que necessitam de uma compreensão dos freqüentadores. Os produtos comercializados são produzidos em sistema de policultivo, sem utilização de adudos químicos, nem pesticidas, muitas vezes também sem irrigação e em pequenas propriedades. Dessa forma, a produção, apesar de bastante diversa, não possui todos os ingredientes da dieta comum das famílias. O tomate e cebola, por exemplo, nem sempre se encontram disponíveis, sendo mais comum a tomate cereja e a cebolinha, mas facilmente cultivado sem uso de pesticidas pelos camponeses do estado da Paraíba.

Além disso, a estética alimentar deve ser observada de forma distinta, pois o tamanho e a aparência se diferenciam muitas vezes dos alimentos convencionais. Numa sociedade cada vez mais regulada pela imagem, muitos consumidores ainda preferem alimentos com estética padronizada. Nesse sentido, os alimentos ganham cores e formas padronizadas, o alimento selecionado pelos consumidores nas redes de supermercado e nas feiras livres possui a menor quantidade possível de imperfeições. O tamanho geralmente segue a mesma lógica, dimensões maiores de frutas e legumes causam a impressão de um crescimento adequado.

A qualidade do alimento é o elemento mais negligenciado nessa seleção, que em detrimento dos padrões de produtividade deixa de conter teores adequados de nutrientes e um crescimento saudável.

Corrobora essa análise o relatório publicado pela Anvisa no ano de 2009, através do Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA) monitorou 20 alimentos: abacaxi, alface, arroz, banana, batata, cebola, cenoura, feijão, laranja, maçã, mamão, manga, morango, pimentão, repolho, tomate, uva, couve, beterraba e pepino. A escolha destas culturas baseou-se nos dados de consumo obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na disponibilidade destes alimentos nos supermercados das diferentes Unidades da Federação e no intensivo uso de agrotóxicos nestas culturas, onde constatou que:

Das 3.130 amostras analisadas pelo PARA, 907 (29,0%) foram consideradas insatisfatórias. As principais irregularidades encontradas nas amostras foram: presença de agrotóxicos em níveis acima do Limite Máximo de Resíduos (LMR) em 88 amostras, representando 2,8% do total; utilização de agrotóxicos não autorizados (NA) para a cultura em 744 amostras, representando 23,8% do total e resíduos acima do LMR e NA na mesma amostra em 75 amostras, representando 2,4% do total. (ANVISA, 2009)

Nesse sentido, o aumento da produtividade dos alimentos e a manutenção de uma estética não garantem uma alimentação saudável, ao contrário disso, essa produção que faz largo uso de agrotóxicos e adubos químicos, contamina os alimentos e coloca a população em grave situação de insegurança alimentar.

Muitos estudos, de diferentes épocas, destacam que a problemática da fome não está vinculada a produção de alimentos, como se supunha através da teoria malthusiana. Essas análises demonstraram que a mecanização agrícola e uso de insumos artificiais proporcionaram um aumento de produção que supera a de número de habitantes, contudo, a persistência da fome torna patente a relação dessa questão com as desigualdades sociais. (CASTRO, 2003; DUMONT, 1975; OLIVEIRA, 1996).

Num pensamento oposto, vários estudos insistem em defender a necessidade da lógica de produção em larga escala para alimentar a população mundial. Essas pesquisas consideram inexpressiva a produção orgânica e concluem não ser possível alimentar toda a população com alimentos livres de contaminação. (RUSCH, 1978);

Destacamos que, nessa perspectiva, considera-se que a população em situação de risco alimentar pode e deve ser alimentada com produtos contaminados, ou seja, a ideia de necessidade é revestida de preconceitos e despida de qualquer análise sobre os aspectos históricos, econômicos, políticos e culturais que explique a situação de risco e pobreza dessas populações. (LEFF, 2007)

Nesse contexto, o debate acerca da relação campo-cidade no âmbito da agroecologia, remete-nos a reflexões sobre a importância desse movimento para as populações pobres nas cidades. Os camponeses que integram essa construção na Paraíba discutem essa necessidade em momentos coletivos, encontros e reuniões. Contudo, constatam que os consumidores das Feiras Agroecológicas geralmente pertencem às classes sociais com melhor poder aquisitivo. Uma ideia pré-estabelecida, dado os preços de produtos orgânicos nos supermercados, apontaria como explicação para o perfil desse consumidor a variável preço, entretanto, diversas pesquisas constataram que nas Feiras Agroecológicas no estado da Paraíba os preços dos alimentos são equivalentes aos dos produtos convencionais das feiras livres. (LIMA, 2008; RODRIGUES, 1994)

Nesse sentido, a agroecologia constitui-se como possibilidade de construção de relações campo-cidade pautadas na segurança e soberania alimentar, a partir da qual, deve-se buscar um desenvolvimento pautado em práticas solidárias e comunitárias. A produção de alimentos ganha dimensão política, fortalecendo a lógica de vida camponesa e o consumo responsável.

A partir da agroecologia, é possível aproximar a distância gerada a partir do processo de divisão do trabalho entre campo e cidade. Não sugerimos com isso que a agroecologia supere a dicotomia campo-cidade, contudo, observamos que a impessoalidade dos alimentos tão comuns nos supermercados e até nas feiras-livres, é substituída pelo conhecimento do produtor e da área de origem dos alimentos. Os relatos de campo demonstram essa realidade, onde tanto camponeses, como citadinos, mostram-se satisfeitos com essa construção e evidenciam os benefícios gerados a partir desse processo.

**III. METODOLOGIA**

a) Grupo de estudo sobre o tema: Agroecologia e a relação campo-cidade.

Grupo de estudo que discutiu livros, capítulos de livros e artigos sobre a agroecologia e temas correlatos.

O objetivo principal das leituras e discussões desenvolvidas foi possibilitar aos integrantes do projeto uma visão mais aprofundada sobre as atividades que foram desenvolvidas.

b) Elaboração de material para subsidiar as atividades:

Para realização da construção de boletins informativos sobre Agroecologia, foi desenvolvida metodologia de trabalho para construir base de informações sobre a Agroecologia, desde seus aspectos conceituais, até as informações sobre camponeses e produção agrícola na Paraíba. Foram seguidas as seguintes etapas:

1. O grupo de alunos integrantes do projeto foram divididos em três subgrupos temáticos:

TEMA 1: História de vida dos camponeses da Feira Agroecológica Regional de Campina Grande.

TEMA 2: Produção agroecológica nos municípios do Agreste Paraibano.

TEMA 3: Relação campo-cidade: consumidores da Feira Agroecológica de Campina Grande.

A partir desses três temas principais, cada dupla desenvolveu procedimentos metodológicos específicos:

TEMA 1: História de vida dos camponeses da Feira Agroecológica Regional de Campina Grande.

Elaboração de roteiro de entrevista com perguntas abertas direcionadas para analisar as seguintes questões: história de vida dos camponeses; história da terra (ocupação, luta pela terra, terra familiar); transição dos camponeses na agroecologia; importância da agroecologia na vida camponesa; desafios e avanços na construção da agroecologia, dentre outros temas.

Os roteiros de entrevistas foram aplicados durante as Feiras Agroecológicas realizadas na Estação Velha.

Esse material foi sistematizado em forma de texto para ser divulgados nos materiais informativos.

TEMA 2: Produção agroecológica nos municípios do Agreste Paraibano.

Trabalhos de campo nas duas Feiras Agroecológicas de Campina Grande, na Estação Velha, às quartas-feiras e no bairro Catolé, às sextas-feiras.

Trabalho de campo na Feira Agroecológica de Alagoa Nova.

Trabalho de campo na Feira Agroecológica de Lagoa Seca.

Trabalhos de campo em áreas de produção agroecológica dos municípios de Lagoa Seca e de Alagoa Nova.

TEMA 3: Relação campo-cidade: consumidores da Feira Agroecológica Regional de Campina Grande.

1. Pesquisa de preço em supermercados e feiras livres de legumes, hortaliças e verduras para demonstração da relação custo-benefício dos alimentos agroecológicos. Esses dados foram organizados em tabela comparativa para divulgação da Feira Agroecológica Regional de Campina Grande.

2. Participação na reunião da Ecoborborema: associação que integra camponeses da mesorregião Agreste com produção agroecológica e algumas entidades civis e Organizações Não Governamentais.

c) Levantamento de dados que subsidiem a produção bibliográfica;

1. Foram pesquisadas notícias correlacionas a produção agroecológica para auxiliar na produção dos textos dos boletins informativos. As pesquisadas foram direcionadas para os seguintes temas: alimentação saudável; plantas medicinais; receitas culinárias; sustentabilidade; meio ambiente, Organismos Geneticamente Modificados – OGM, dentre outros.

e) Sistematização e tabulação de dados;

Foram realizadas transcrições de entrevistas, organização de fotografias, elaboração de tabelas e gráficos; A organização desse material foi fundamental na elaboração dos materiais informativos.

f) Confecção de folders, boletins informativos e panfletos sobre a Feira Agroecológica Regional e comerciantes de orgânicos;

O objetivo foi colaborar com a divulgação da produção agroecológica na cidade de Campina Grande. Os alunos foram divididos em três grupos editoriais, onde cada grupo ficou responsável pela elaboração de um boletim informativo. As informações coletadas anteriormente foram usadas por todos os grupos editoriais. Cada grupo ficou responsável pela elaboração dos textos, diagramação e edição de imagens.

g) Criação de mídias eletrônicas de divulgação:

As mídias criadas em 2011 foram continuamente alimentadas com informações sobre Agroeocologia e sobre a Feira Agroecológica, uma conta no facebook e uma no twitter para divulgação do material elaborado.

Essa metodologia foi escolhida porque atualmente as redes sociais na internet são um meio rápido e econômico de divulgação. Dessa forma, um maior número de pessoas pode ter acesso às informações sobre a produção e comercialização de alimentos agroecológicos.

Além disso, o projeto não contou com recursos financeiros para publicação em meio impresso.

**IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As ações extensionistas desenvolvidas durante o ano de 2011 e 2012 buscaram difundir informações sobre a Feira Agroecológica Regional de Campina Grande para estimular o consumo de alimentos agroecológicos e fortalecer a agricultura camponesa.

Através da divulgação de informações sobre a produção agroecológica, economia solidária, produção familiar camponesa, dentre outras, em páginas da internet, como blogs e redes sociais fomentamos o debate sobre a importância da segurança e soberania alimentar. O desenvolvimento de metodologias para oficinas em escolas públicas visaram permitir o acesso a informações sobre alimentação saudável em áreas mais carentes da cidade.

A participação dos estudantes no projeto de extensão incentivou a reflexão da construção do conhecimento e a necessidade de retorno para a sociedade. Essa questão é de fundamental importância para a reafirmação do compromisso da universidade com a sociedade, demonstrando que é necessário incluir amplamente os discentes universitários na prática extensionista, fomentando a formação de futuros profissionais mais capacitados para a produção do saber em benefício da sociedade.Nesse sentido, o material elaborado durante o projeto forneceu suporte teórico e prático para trabalhos acadêmicos de alunos e professores envolvidos no projeto.

A realização de trabalhos de campo nas áreas agrícolas da mesorregião do agreste paraibano forneceu subsídios para um maior conhecimento e análise das relações de sociais de produção calcadas na agroecologia, considerando suas potencialidades e dificuldades.

No ano de 2011 realizamos 04 trabalhos de campo, sendo dois no município de Lagoa Seca nos sítios Oiti e Almeida e dois no município de Alagoa Nova e Esperança nos sítios Ribeiro e Carrasco.

A segunda atividade de campo foi realizada no sítio Ribeiro no município de Alagoa Nova. Já a terceira atividade de campo se deu no sítio Carrasco nos limites do município de Alagoa Nova e Esperança.

No ano de 2012 realizamos um trabalho de campo no município de Lagoa Seca, na comunidade do Oiti.

As visitas as Feiras Agroecológicas ocorreram em 2011 e 2012, em duas Feiras Agroecológicas: A da Estação Velha (museu do algodão) e a que ocorre no bairro Catolé, em frente ao colégio Cem. As visitas foram realizadas mensalmente. Também realizadas vistas as Feiras Agroecológicas de Alagoa Nova e Lagoa Seca. Nesses momentos realizamos entrevistas, observamos a dinâmica da Feira, e fizemos registros fotográficos.

|  |  |
| --- | --- |
| D:\Fotos de Ana Paula de Araújo Alves\Sítio Oiti e Almeida-Lagoa Seca\DSC05239 - Cópia.JPG  Figura 1: Sítio Oiti – Lagoa Seca. PROBEX - 2011 | C:\Users\ALINE\Pictures\IMAGENS PESQUISAS\Fotos de Ana Paula de Araújo Alves\Sítio Oiti e Almeida-Lagoa Seca\DSC05342.JPG  Figura 2: Sítio Almeida – Lagoa Seca. PROBEX. 2011 |
| C:\Users\ALINE\Pictures\IMAGENS PESQUISAS\TODAS AS AULAS DE CAMPO NAYARA\AULA DE CAMPO - PROBEX ST RIBEIRO\DSC02944.JPG  Figura 3: Sítio Ribeiro: Alagoa Nova. PROBEX. 2011. | C:\Users\ALINE\Pictures\IMAGENS PESQUISAS\Fotos de Ana Paula de Araújo Alves\Sítio Carrasco- Alagoa Nova\DSC00907 - Cópia.JPG  Figura 4: Sítio Carrasco: Alagoa Nova. PROBEX 2011. |
| Figura 5: Sítio Lagoa Seca. PROBEX 2012. | Figura 6: Sítio Lagoa Seca. PROBEX 2012. |

A construção de boletins informativos possibilitaram ao morador citadino o conhecimento sobre a história de vida dos camponeses que realizam a Feira Agroecológica, bem como as características do processo produtivo. Nesse sentido, observamos a necessidade de aproximar diferentes setores da sociedade através da interlocução de conhecimentos científicos e do senso comum.

Os boletins foram elaborados no programa Microsoft Office Publisher 2007 e depois convertidos para formato PDF. Foram elaborados um total de seis boletins. A seguir algumas imagens em *PrntScr* de alguns trechos do Boletins produzidos.



Figura 7: Imagem de Boletim, 2012, V2. N1.



Figura 8: Imagem de Boletim - 2011, V.1, N.2.

As páginas criadas para divulgação da Feira Agroecológica Regional de Campina Grande foram 1. Facebook: Agroecologia Cg:

Endereço: <http://www.facebook.com/profile.php?id=100002468183621&ref=ts>

2. Twitter: @agroecologiacg / GRUPO DE EXTENSÃO da UFCG / Título: Feiras Agroecológicas em Campina Grande: informação e comunicação na relação campo-cidade / Campina Grande.

Um importante resultado do ano de 2012 foi o desenvolvimento de material didático para o ensino de Agroecologia nas escolas. Para desenvolver essa atividade os alunos vinculados ao projeto elaboraram uma oficina que se daria da seguinte forma: a princípio, deve-se fazer uma apresentação sobre a agricultura, partindo da concepção de agricultura convencional, mostrando seus métodos e impactos sobre o meio-ambiente e o homem, logo em seguida deve-se apresentar o significado da Agroecologia, como uma agricultura viável e sustentável. Em seguida, deve-se realizar uma espécie de gincana, desenvolvida da seguinte forma: a turma deve ser dividida em dois grandes grupos, que podem ser diferenciados pela cor. De um lado ficaria a cor a azul e de outro o vermelho, por exemplo, e, para diferenciá-los distribuiríamos fitas para serem fixadas nos pulsos dos participantes. Depois disso, cada grupo escolheria um representante para responder as respostas que seriam feitas a cada rodada, tendo cada um o direito de duas rodadas, os representantes teriam acesso as suas equipes para obter informações para respondê-las. Cada acerto equivaleria quinze (15) pontos e a cada erro o participante passaria cinco (05) pontos para a equipe adversária, será o vencedor a equipe que chegará a cem (100) pontos primeiro. Em caso de empate terá uma pergunta chave no valor de cinquenta pontos.

Os materiais didáticos desenvolvidos para a atividade foram: dado para ser lançado com questões sobre agroecologia, apresentação de slides em *Power-point*, seleção de vídeos e músicas sobre agroecologia, embalagens de alimentos contendo símbolo de alimentos transgênicos (milho para fubá, pipoca, maisena, óleo de soja, etc)

Apesar da oficina pronta para execução, infelizmente não foi possível realizar na escola selecionada, pois, nossos agendamentos foram desmarcados. As atividades de provas e vestibulares do mês de dezembro, quando deveriam ocorrer as oficinas impossibilitou a realização da oficina.

Contudo, os alunos do projeto podem utilizar essa oficina em aulas ligadas ao Estágio Supervisionado do curso de Geografia. Bem como o desenvolvimento dessa metodologia pode servir de prática para o fomento da construção agroecológica nas escolas.

**Considerações Finais**

Concluímos com êxito o projeto proposto “Feiras Agroecológicas em Campina Grande: informação e comunicação na relação campo-cidade”, apesar de alguns empecilhos que ocorreram, tais como, falta de transportes para realização de trabalhos de campo, além da greve dos professores do ano de 2012, porém, com o empenho da equipe do projeto, foi possível realizar diversos trabalhos de campo, fundamentais na elaboração dos materiais informativos sobre a Feira Agroecológica.

Através da discussão com os participantes do projeto, com a interação na realidade dos camponeses, tanto na sua produção e no seu âmbito familiar, quanto na sua dinâmica nas vendas na feirinha agroecológica da estação velha, constatamos que ainda são grandes as dificuldades que os mesmos enfrentam na comercialização dos seus produtos, dentre elas o fato de uma parcela significativa da população não conhecerem e não valorizarem o consumo de alimentos agroecológicos. Constatamos este fato nas falas de alguns camponeses em nossas visitas a campo e a feirinha: “*se a população descobrisse os valores que tem se Campina Grande descobrisse o valor dessa feira (feira Agroecológica da estação velha), a venda seria maior e não sobraria nada na feira, porque aqui é 100% natural” (Relato de um camponês).*

Nesse sentido, observamos a necessidade de acontecerem mais oportunidades como esta para integrar os estudos acadêmicos às realidades sociais, onde a dinâmica do projeto de extensão permitiu que houvesse uma interação do meio acadêmico com a sociedade campesina. Através desse projeto podemos detectar alguns problemas na realidade agrícola dos mesmos, e repassamos informações para a sociedade sobre a importância da produção e alimentação agroecológica, através das nossas mídias eletrônicas e dos nossos boletins informativos.

Finalmente, acreditamos ser de grande importância o desenvolvimento de projetos de extensão que visem colaborar com os pequenos produtores do estado da Paraíba, uma vez que esses agricultores muitas vezes se encontram em situação de desassistência, relegados a própria sorte e vulneráveis as intempéries da natureza, a despeito da seca que assolou a região do Semi-Árido Nordestino no ano de 2012, tornando a situação dessa população calamitosa.

Verificamos, através das nossas ações que a Agroecologia tem se constituído enquanto um importante campo de conhecimento, capaz de reverter situações de pobreza, através do manejo sustentável dos recursos naturais e da valorização dos saberes e culturas locais, sendo portanto, fundamental que as ações extensionistas realizadas pela universidade colaborem para o fomento dessas práticas.

**Referências Bibliográficas**

ALTIERE, Miguel. **Agroecologia**: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4ª. Ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ARNAIZ, Mabel Gracia. Pensando sobre el riesgo alimentario y su aceptabilidad: el caso de los alimentos transgénicos.*Rev. Nutr.* [online]. 2004, vol.17, n.2 [citado  2011-09-19], pp. 125-149. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=m=iso>. ISSN 1415-5273.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Pensamento crítico, 63)

BRASIL. ANVISA – AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Relatório do Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA). Disponível em: <[http://portal.anvisa.gov.br](http://portal.anvisa.gov.br/)>. Acesso em: mai. 2011.

BORDIEU, Pierre. **Sociologia**. (Organização de Renato Ortiz). Tradução: Paula Monteiro, Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Cientistas Sociais. v.39.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome:** o dilema brasileiro – pão ou aço. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CARVALHO, Horácio Martins. **Desafios para o agroecologista como portador de uma nova matriz tecnológica para o campesinato**. Curitiba, julho de 2007, mimeo.

DUMONT, René. **A utopia ou a morte**. São Paulo: Paz e Terra, 1975.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. **Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável.** Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002. p. 18-28.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA, Aline Barboza de. **Assentamento Apasa – PB:** a agroecologia na construção de novas territorialidades. João Pessoa, 2008. 188 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Pós-Graduação em Geografia da UFPB.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996.

RODRIGUES. Maria de Fátima Ferreira. **Terra camponesa como (re)criação- genealogia do lugar e da paisagem**. São Paulo, 1994. 185f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas- Universidade de São Paulo (USP).

RUSCHI, Augusto. **Agroecologia**. Brasília: Horizonte Editora, 1978.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2006.

1. Professora da Unidade Acadêmica de Geografia – UFCG – Campina Grande. Coordenadora do projeto. Endereço eletrônico: alinelima.ufcg@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Bolsista do Projeto Feira Agroecológica Regional de Campina Grande: informação e comunicação na relação campo – cidade. Aluno da Unidade Acadêmica de Geografia – UFCG – Campina Grande. [↑](#footnote-ref-2)
3. Voluntária do Projeto Feira Agroecológica Regional de Campina Grande: informação e comunicação na relação campo – cidade. Aluna da Unidade Acadêmica de Geografia – UFCG – Campina Grande. [↑](#footnote-ref-3)
4. Voluntário do Projeto Feira Agroecológica Regional de Campina Grande: informação e comunicação na relação campo – cidade. Aluno da Unidade Acadêmica de Geografia – UFCG – Campina Grande. [↑](#footnote-ref-4)
5. Voluntária do Projeto Feira Agroecológica Regional de Campina Grande: informação e comunicação na relação campo – cidade. Aluna da Unidade Acadêmica de Geografia – UFCG – Campina Grande. [↑](#footnote-ref-5)